



## **A ironia em crônicas de Rubem Braga Uma estratégia persuasiva**

**Helena Miyazaki Fonseca**

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil

[orcid.org/0000-0001-6806-2310](https://orcid.org/0000-0001-6806-2310)

A ironia é uma figura de retórica resumida como o modo de manifestar-se opostamente ao que se está pensando. Na perspectiva da Retórica, o recurso funciona como expediente argumentativo – por meio dele, pode-se argumentar indiretamente. Nesse sentido, este artigo objetiva observar o funcionamento da ironia como estratégia persuasiva em crônicas de Rubem Braga, a partir da hipótese de que esta seja um dos recursos retóricos a que o autor recorre com frequência para se mostrar convincente e persuadir seu público, além de contribuir com a construção de humor nos textos. Os pressupostos teóricos que fundamentam a análise advêm da retórica, especificamente de estudiosos da Nova Retórica que abordam o mecanismo, como Paiva (1961), Tringali (1988), Reboul (2004), Fiorin (2014) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020). O exame dos dados leva em conta trechos que permitem a apreensão da ironia.

Palavras-chave: Retórica. Ironia. Crônica. Rubem Braga.

### **La ironía en las crónicas de Rubem Braga: una estrategia persuasiva**

La ironía es una figura retórica que se resume como la forma de manifestarse frente a lo que se está pensando. En la Retórica, el recurso funciona como dispositivo argumentativo – a través de él, se puede argumentar indirectamente. En este sentido, este artículo tiene como objetivo mostrar el funcionamiento de la ironía en las crónicas de Rubem Braga, partiendo de la hipótesis de que este es uno de los recursos retóricos a los que recurre con frecuencia el autor para resultar convincente y persuadir a su audiencia, además de contribuir a la construcción del humor en los textos. Los supuestos teóricos que subyacen al análisis provienen de la retórica, específicamente de los estudiosos de la Nueva Retórica que abordan el mecanismo, como Paiva (1961), Tringali (1988), Reboul (2004), Fiorin (2014) y Perelman y Olbrechts-Tyteca (2020). El examen de los datos tiene en cuenta fragmentos que permiten la aprehensión de la ironía.

Palabras-clave: Retórica. Ironía. Crónica. Rubem Braga.

### **The irony in chronicles of Rubem Braga: a persuasive strategy**

Irony is a figure of rhetoric summarized as a way of expressing oneself with the opposite to what one is thinking. From the perspective of Rhetoric, the resource works as an argumentative device – through it, it is possible to argue indirectly. Based on these considerations, this article aims to show the functioning of irony in Rubem Braga chronicles, based on the hypothesis that this figure is one of the rhetorical resources that the author frequently uses to show himself convincing and persuade his audience, in addition to contributing to the construction of humor in the texts. The theoretical assumptions underlying the analysis come from rhetoric, specifically from New Rhetoric researchers who approach the mechanism, such as Paiva (1961), Tringali (1988), Reboul (2004), Fiorin (2014) and Perelman and Olbrechts-Tyteca (2020). The examination of the data takes into account the analysis of excerpts that allow an understanding of irony.

Keywords: Rhetoric; irony. Chronicle. Rubem Braga.

## Considerações iniciais

Como é sabido, as produções humorísticas podem ser explicadas por meio de diversos mecanismos da linguagem, tais como a fonologia, a morfologia, a seleção do léxico, a sintaxe, a variação linguística, a pressuposição, a inferência. Em seu artigo intitulado “O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão”, Travaglia (1989) sugere diferentes categorias a fim de explicar o que gera o humor. Uma dessas categorias, que recebeu o nome de “O que provoca o riso”, traz em cena a ironia como recurso responsável por realizar a transposição do ideal para o real, isto é, mostra como determinado assunto pode ser tratado entre a verdade e a falsa realidade, de modo que a manifestação irônica amplia os significados de acordo com o entendimento do público. Assim, ao propor o oposto do que seria idealizado, pode ser risível.

Considerando-se que Rubem Braga (1913-1990) recorre à ironia em seus textos, em geral, para denunciar ou criticar algo, este texto busca refletir sobre o papel da ironia nos textos de Rubem Braga, a partir da hipótese de que seus pronunciamentos irônicos funcionam como um dos principais expedientes retóricos a fim de conquistar os leitores. Rubem Braga, convém destacar, ganhou popularidade e reconhecimento por publicar diariamente composições sobre diferentes temas e com diferentes intenções, utilizava com frequência o recurso da ironia, seja para criticar comportamentos, seja para relatar situações que lhe causaram indignação ou, ainda, em conversas cotidianas para tornar os textos bem-humorados e evitar possíveis constrangimentos.

Com base no exposto, os pressupostos teóricos que fundamentam a análise aqui empreendida advêm principalmente de estudiosos da Nova Retórica que tratam do mecanismo da ironia como recurso retórico, caso de Paiva (1961), Tringali (1988), Reboul (2004), Fiorin (2014) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020).

No que concerne aos procedimentos metodológicos, são consideradas como corpus de análise cinco crônicas, a saber: “Um mundo de papel” (1958), “Remédio para mal de amor” (1967), “Águas de Leste e Papai Noel (1988), “Um braço de mulher” (1998) - esta retirada da seleção feita por Arrigucci - e “A mulher esperando o homem” (1969). A não ser por “Um braço de mulher”, que foi retirada da seleção feita por Arrigucci, os textos foram retirados das coletâneas *Ai de ti, Copacabana; A traição das elegantes* e *Um cartão de Paris*.

O critério para a delimitação do corpus foi de que todas as crônicas, de alguma forma, apresentam a figura da mulher, seja como personagem ou apenas citação. O exame dos dados considera a contextualização dos textos selecionados e o exame de trechos que permitem a apreensão da ironia.

## 1 A eficácia persuasiva da ironia

A ironia, em geral, consiste em dizer o contrário do que se quer dizer. Ao utilizá-la, o autor assume uma posição cujo efeito não se concretiza em sua interpretação, o que faz do público parte essencial para a construção do real sentido. É preciso ressaltar, no entanto, que o conceito do fenômeno é mais abrangente. Na perspectiva retórica, a exemplo, a ironia tende a ser vista como um mecanismo argumentativo.

Ao se comunicar, é comum que um orador opine em certo discurso mas, por qualquer que seja o motivo, se preocupe em priorizar a linguagem discreta e recorra à ironia retórica, proferindo o discurso em questão com afirmações contrárias ao que realmente se quer dizer. De fato, um dito irônico quase sempre é intencional, pois precisa ser proposto como tal em vista de ser entendido da maneira desejada. Se o autor explorar mais de um sentido em um enunciado, o literal e o irônico, acaba por revelar o maior parentesco da ironia com a literatura e com o humor: a falta de compromisso com a verdade.

Nos discursos, cabe que se perceba que a linguagem, nesses casos, não apresenta significações fixas. E se constrói uma relação entre autor e receptor, classifica-se, portanto, em uma estrutura comunicativa. Esse leitor ou ouvinte é apresentado, muitas vezes, a um novo raciocínio, que defende o ponto de vista de quem o propõe. Para Paiva (1961, p. 6), “a ironia busca sempre o efeito da sua ação sobre o público, espera a reação dos auditores, conta com a reação dos leitores como estímulo que necessita para existir” (sic). A autora, ao afirmar que a compreensão da ironia relaciona-se com a percepção da impertinência predicativa em questão, classifica a figura retórica em categorias: o tom ingênuo, o tom retórico e o tom sagrado.

Sobre o tom ingênuo, Paiva (1961, p. 30) o relaciona com o cinismo e acrescenta que “admite gamas muito variadas, desde a insinuação aparentemente despreocupada, até à ignorância ou à dúvida, fingidas também e misturadas com certa dose de pseudo-humildade”. Nesse sentido, a escolha do tom ingênuo, que de modo geral consiste na aparente despreensão, como se não houvesse nenhum sentido implícito, “adquire formas particularizadas quando reveste os aspectos de concordância irônica e falsa comiseração” (1961, p. 31).

O tom retórico, por sua vez, “consiste em adoptar um tom enfático, grandiloquo, em dar o aspecto de discurso empolado a afirmações banais.” (Paiva, 1961, p. 37). Nesse caso, prevalece o aspecto “forçado” de determinada afirmação claramente intencional, além de serem enfatizadas palavras e expressões formais, para “enobrecer” a fala. Por fim, o tom sagrado envolve manifestações de caráter pitoresco, ao atribuir termos de expressões religiosas a expressões de sentido figurado - é criado um “efeito de dissonância que está na base do uso que a ironia faz da linguagem sagrada” (Paiva, 1961, p. 43).

Além disso, as construções irônicas podem ser manifestadas e/ou marcadas de diferentes formas: podem ser agradáveis ou cruéis, bem como engraçadas, amargas ou grosseiras, por exemplo. Podem aparecer marcadas ou não, seja pelo tom de voz, por aspas ou pontuações, e podem servir a diferentes fins (Reboul, 2004). Na abordagem retórica, a ironia consiste não só em um fenômeno que funciona como um expediente argumentativo, mas também, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020), uma técnica de argumentar indiretamente. Fiorin (2015, p. 70) defende que a ironia “apresenta uma atitude do enunciador”, tendo funções que se relacionam com o gracejo, o sarcasmo, o escárnio, a zombaria, e o desprezo. Sendo assim, o sentido próprio e literal dos enunciados não deve ser seguido à risca - o sentido que se quer dar é entendido a partir do contexto, como reforça Tringali (2014).

Considerando que a ironia suscita informações complementares (e previamente conhecidas pelo público), pode-se dizer que ela “não pode ser utilizada nos casos em que pairam dúvidas acerca das opiniões do orador” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020, p. 236), afinal, é inviável convencer um espectador a acreditar em um conceito que este desconhece ou não entende por completo – a persuasão seria falha. Por esse motivo, os autores salientam que o recurso da ironia é especialmente utilizado em defesas, de forma que o outro essencialmente conhecerá as posições do autor em vista de atacá-lo.

Dado o exposto, vejamos como o uso da ironia constitui-se como traço peculiar ao estilo de Rubem Braga e como o recurso funciona estrategicamente.

## **2 A ironia em crônicas de Rubem Braga**

Se um cronista é considerado uma figura instruída para abordar questões cotidianas com liberdade de posicionamento, essa ironia, utilizada como recurso argumentativo, é capaz de fortalecer sua opinião sobre determinadas práticas e situações, o que, a depender da confiança existente na relação entre autor e leitores, pode resultar na persuasão. Considerando-se que uma das funções da ironia nas crônicas de Rubem Braga é tecer críticas sociais, analisemos, primeiro, a crônica “Águas de Leste e Papai Noel”.

O texto é iniciado com reflexões intimistas após, supostamente, o autor voltar da praia. Os pensamentos iniciais acerca da água do mar, por exemplo, não revelam que o raciocínio será desviado e direcionado ao desprezo sentido por grandes empresas e suas publicidades. É por se lembrar de uma amiga que se entristece com a chegada do fim de ano que Rubem Braga se recorda das festas e, por consequência, das propagandas dessas empresas. Nesse momento, escreve:

A publicidade faz sua grande farra de fim de ano, e nós é que devemos pagá-la. Uma garrafa de uísque deixa de ser uma garrafa de uísque, é um mimo envolvido em mil cores, cercado de frases festivas e exclamações: assim todas as coisas perdem seu ar honesto, afetam uma alegria sem graça. E a burguesia faz surrealismo sem saber. Que existe de mais louco do que receber votos de Feliz Natal e Próspero Ano Bom de não uma pessoa, mas de uma firma comercial, um banco, um ser jurídico? (Braga, 1997, p. 25)

Ao chamar as ações das empresas de “grande farra” e se queixar de que “nós é que devemos pagá-la”, o autor sugere a falta de seriedade e ética das empresas e, nesse sentido, fica evidente seu despreço pela situação. A ironia é introduzida, primeiramente, com a afirmação de que “uma garrafa de uísque deixa de ser uma garrafa de uísque, é um mimo envolvido em mil cores”, pois entende-se, pelo contexto, que a garrafa continua sendo a mesma, com exceção das caracterizações festivas que, no caso, são o alvo da crítica.

Deprendendo que os elogios consistem em críticas sobre uma ação comum das empresas, são notáveis, também, diferentes construções que permitem que se perceba o tom irônico usado pelo autor: a descrição de caráter cínico (“mimo envolvido em mil cores”); a afirmação composta por uma comparação com o objetivo de zombar dos envolvidos (“a burguesia faz surrealismo sem saber”); e a pergunta irônica (vista em “que existe de mais louco do que receber votos de Feliz Natal e Próspero Ano Bom de não uma pessoa, mas de uma firma comercial, um banco, um ser jurídico?”). É interessante identificar que esses elementos funcionam ironicamente depois de repetições, após serem descritos com o mesmo detalhamento, pois criam um padrão a ser compreendido em sentido negativo por seus leitores, os quais, então, poderão se voltar contra as empresas.

A ironia aparenta instigar a necessidade de analisar por outra perspectiva que, até então, era tratada como coerente ou indiferente. A ironia age como testemunho da criação de uma nova realidade capaz de substituir o que consideramos razoável apesar das circunstâncias. O uso de frases irônicas em um discurso exemplifica, por si só, ambos os sentidos apresentados, o comum e o proposto, pois, se é dito o oposto do que se quer dizer, o argumento é, também, o contra-argumento.

Em casos como esse, a ironia é utilizada para depreciar determinada situação, e torna o texto convincente porque o público provavelmente não desejaria ser associado ao tema desprezado. Segundo Minois (2003, p. 570), o recurso da ironia “obriga a imoralidade a sair do esconderijo, imitando seus defeitos, provocando-os, parodiando sua hipocrisia, de forma que ninguém mais possa acreditar nela”. Nessa perspectiva, a partir da ridicularização, é estabelecida uma espécie de marco entre o que é aceitável e o que não é, de tal forma que aqueles que não concordarem correriam o risco de pertencer ao grupo de moralidade duvidosa.

O leitor depara-se, em seguida, com certa mudança no comportamento de Rubem Braga. Posto que sua posição já estava clara e, conseqüentemente, o uso da ironia seria compreendido, o cronista descreve o “ser jurídico”, citado anteriormente:

É, digamos, a Coperval S.A., uma senhora visivelmente lírica, amante de legendas douradas sobre fundo azul, com uma letrinha sentimentalmente inclinada para a direita, flores e anjos, sinos a badalar. O coração da firma está batendo de afeto. (Braga, 1997, p. 26)

Identifica-se, no fragmento apresentado, um falso tom emocional. Ao denominar uma empresa (no caso, as empresas que se portam do modo criticado) como “senhora visivelmente lírica” e detalhar elementos como “letrinha sentimentalmente inclinada” e, ainda, citar o “coração da firma”, o autor alerta o público sobre seu verdadeiro posicionamento por meio de ironia manifestada pelo tom retórico, isto é, por meio de “construções de valor consagrado, dentro da retórica culta, principalmente quando há nelas uma rigidez que abre a porta ao ridículo” (Paiva, 1961, p. 38).

Esse aviso sobre seu posicionamento ocorre, principalmente, porque a retórica da ironia pode estar relacionada a um tipo de disputa. Percebem-se dois partidos opostos, da empresa e do autor, que discorda de sua atitude, em uma perspectiva em que o certo e o errado são invertidos. Isso comprova que a ironia é capaz de atuar pelo estranhamento paradoxal em vista de resultar na reflexão. Se vemos as propagandas de forma positiva, o retrato positivo proposto pelo autor talvez nos proponha outra reflexão.

Os dois momentos da mesma crônica expõem a intensificação da ironia - ora o autor escreve sua posição de modo explícito, ora de modo implícito. O que ocorre é a chamada inversão, que engloba o sentido real e sua oposição, de maneira que pode aparentar ser uma correção do próprio autor, quase como um consolo. Segundo Fiorin (2014, p. 70), a ironia é composta por

[...] duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz invalida o que a outra profere. Assim, a ironia é um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por inversão, alargando a inversão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando sua intensidade.

Nota-se que a desqualificação dessas empresas é exposta e justificada por meio de afirmações irônicas. O contexto é determinante, visto que o assunto é tratado entre a verdade e a falsa realidade, de modo que a linguagem irônica amplia os significados para argumentar de acordo com a compreensão dos leitores.

Em suma, o recurso da ironia está presente no processo argumentativo por meio das premissas implícitas, caso de argumentação indireta. Ao escrever que “o coração da firma está

batendo de afeto”, o autor não demarca seus argumentos e nem a relação lógica com o tema tratado, mas a comparação com algo virtuoso (a senhora visivelmente lírica e os elogios que a acompanham) constata a crítica feita anteriormente e provoca a impressão de que o dito não corresponde ao que realmente se quer dizer. Vale ressaltar que a argumentação, aqui, tem o objetivo de provar que a atitude das empresas não é coerente e não deve ser apoiada.

Semelhante situação é representada na crônica “Um mundo de papel”, onde, motivado por receber a carta de uma leitora que passou no concurso desejado mas nunca a convocaram, Braga revela que é um caso comum no Brasil. Observemos algumas passagens do texto:

I) Só posso dizer que continuem a se esforçar e a ser bonzinhos, pois Deus protege os inocentes. Ou então o remédio é nascer outra vez, em uma família convenientes, isto é, famílias onde as mocinhas e os rapazes são nomeados, sem concurso nenhum, para cargos esplêndidos.

II) É verdade que há sujeitos admiráveis que, mesmo não pertencendo a essas famílias, conseguem coisas impressionantes. O diabo é que eles não revelam sua técnica. O DASP deveria requisitar um desses cavalheiros e encarregá-lo de escrever um livro no estilo de Dale Carnegie: Como Fazer Amigos e Arranjar uma Galinha-Morta no Serviço Público Federal (Braga, 2009, p. 103-106)

Considerando-se que o autor descreve a situação da leitora como “triste e banal” e o Estado, no Brasil, como um “brincalhão”, em um primeiro momento a ironia atua como recurso de construção do sentido, posto que o desacordo construído entre os termos “triste e banal” e a expressão “Deus protege os inocentes” chama a atenção do leitor para a oposição de ideias – essa expressão, que costuma ser positiva, na crônica significa que nada pode ser feito, a não ser torcer para que a apreciação do que é justo ocorra. É justamente por este motivo que a ideia de dois posicionamentos em disputa é crucial para a ironia, que se apresenta por meio de personagens em atrito com os que estão no poder.

A escolha de classificar como “convenientes” aqueles que conseguem os cargos também constitui ironia, já que a definição comum do termo reflete em algo que convém por ser oportuno e/ou apropriado, mas que não se relaciona com mérito. Esse desacordo de sentidos é capaz de tornar a ironia estratégica. O contraste proposto resulta em uma fala polêmica, mas previne o autor de qualquer repercussão negativa, dado que pode ser negada por pertencer a um sentido interpretativo circunstancial.

O sentido da ironia é frequentemente construído por pequenos desvios no discurso, desvios quase imperceptíveis e que alteram sutilmente o desfecho esperado, relacionando-se, assim, com a quebra de expectativa. Mas mais do que uma alteração sutil, sendo a ironia uma projeção do não-dito, é também a demarcação de certa problematização cuja elaboração é baseada apenas na forma de proferir. À vista disso, a argumentação consolidada pela ironia é

minimamente identificável, ainda que capaz de suscitar o questionamento e, conseqüentemente, a adesão dos leitores.

Em II, além de colocar como raro o fato de não pertencentes dessas famílias conseguirem “coisas impressionantes” (o que salienta o afastamento do que seria correto), pode-se observar, na elaboração da crítica, a alusão ao escritor Dale Carnegie e uma de suas principais obras, *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* (1936), e a relação com uma “galinha-morta” - propondo que, ao conquistar algo com dignidade (passar no concurso público), será encontrado algo que não tem o mesmo valor (alguém que entrou sem passar). A referência ao livro é irônica, pois recorre ao ridículo para realçar o absurdo do argumento que se quer combater, em busca de estabelecer a verdade condizente com a perspectiva do autor.

Para reforçar seu ponto de vista (da falta de seriedade com a ocupação dos cargos públicos), o autor utiliza a ironia em dois tons: o ingênuo, responsável categorizar os sujeitos desonestos em “admiráveis” e, assim, “encarar um defeito como se tratasse de uma virtude” (Paiva, 1961, p. 32); e o sagrado, pois a justificativa de que “Deus protege os inocentes” apresenta um sentido contraditório e “cria um efeito de dissonância que está na base do uso que a ironia faz da linguagem sagrada” (Paiva, 1961, p. 43).

Além disso, a ironia também constitui a argumentação tendenciosa. Essa argumentação é apresentada por meio de informações aleatórias no discurso e possui uma intenção oculta: guiar o raciocínio do público. Frequentemente, envolve a mistura de pensamentos no enunciado, como se representasse a justificativa do autor para defender determinada posição, mas, na verdade, expõe argumentos para convencê-lo.

Em outros termos, Rubem Braga se vale de um exemplo pessoal para argumentar, que se dá a partir de outra crítica, desta vez direcionada ao presidente da Câmara Municipal de São João do Miriti que, após a morte de um funcionário, recusou-se propositalmente a atribuir o cargo para o substituto. A justificativa era de que, apesar de ter conhecimento sobre a morte e poder atribuir o cargo, esperaria a emissão da certidão de óbito. A respeito disso, Rubem Braga apresenta os seguintes enunciados:

III) Todos os argumentos esbarravam naquela frase irretorquível, perfeita, quase genial, que merecia ser gravada em mármore no frontispício do DASP: “A prova do falecimento é a certidão de óbito.” Só os medíocres, os anarquistas e os pobres-diabos, condenados a vida inteira a ser suplicantes ou requerentes e que jamais serão Autoridade, não percebem a beleza dessa frase. Eles jamais compreenderão que uma pessoa não pode existir sem uma certidão de nascimento e nem pode deixar de existir sem certidão de óbito. Que acima da vida e da morte, do bem e do mal, da felicidade e da desgraça está esta coisa sacrossanta: o papel.

IV) Proponho que o DASP investigue o nome daquele antigo presidente da Câmara Municipal de São João do Miriti e, no dia em que ele morrer, mande gravar em seu túmulo (depois,



naturalmente, de apresentada a certidão de óbito) esta frase de suprema consagração burocrática: “Ele amou o papel” (Braga, 2009, p. 103-106).

Em III, a ironia é apresentada em diferentes momentos. Na frase do presidente descrita como “irretorquível, perfeita, quase genial”, por exemplo, os adjetivos de tom enfático são responsáveis por elucidar o sarcasmo, e o uso do termo “irretorquível”, em especial, pode ser explicado por Paiva (1961, p. 40), que defende que, no sentido hiperbólico, “o efeito cômico provém principalmente da intenção de enobrecimento”.

A ironia, por manifestar uma negação, pode expor novas possibilidades de pensamento e inclui no discurso uma contradição quase insuperável – no contexto da crônica, parece imoral discordar do autor e concordar com o presidente, pois um suscita indignação pela injustiça, e o outro é a causa dessa. No fundo, as afirmações irônicas expressas em III funcionam como expediente argumentativo disfarçado pelo gracejo, o que significa que, ao utilizá-las, o autor propõe a nova perspectiva e, ao mesmo tempo, seduz o público, pois se a ironia é dependente da interação entre autor e leitor (sentido que se constrói), trata-se de uma inteligibilidade compartilhada, uma cumplicidade.

Além disso, a afirmação de que não existe vida sem certidão de nascimento e nem morte sem certidão de óbito contém informações falsas, exatamente o contrário do que se quer dizer, mas que foram postas para zombar do presidente, bem como a posição do papel como entidade superior. Em IV, a essência um tanto rude que a insinuação do funeral como forma de ridicularizar a situação pode expressar é explicada por Tringali (1988, p. 138), que revela que “o caráter um tanto agressivo se revela pela possível etimologia de ironia, isto é, ira!”.

Nessa crônica, temos a ironia atuando na constituição da crítica social explícita e satirizando um dos personagens (presidente) a partir de sua própria fala, o que contribui com a afirmação inicial de que o país seria “brincalhão”. Por este motivo, a ironia mostra-se qualificada para anular qualquer resposta de um possível adversário, já que esta pode ser reproduzida, em outro tom, com ironia, como ocorre na crônica.

Enquanto atua como técnica argumentativa, o confronto causado pela ironia traz em cena uma razão que não pode ser resolvida pela indiferença: propõe-se, em alternativa, uma nova perspectiva do problema que é explorada gradativamente. Por um lado, a ironia organiza e apresenta o problema, no sentido de que menciona a contradição (a fala do presidente); e por outro, exprime uma nova possibilidade de argumentação que, se exposta anteriormente à ironia, não seria compatível (a proposta feita ao DASP). Assim, a impressão do autor sobre o tema torna-se convincente.

Entretanto, Braga não se limita a usar a ironia apenas para discutir acerca de questões sociais, mas também para se posicionar perante diferentes contextos. Temos como exemplo a crônica “A mulher esperando o homem”, que discorre sobre situações em que as mulheres, por diferentes razões, se encontram presas à espera de um homem que pode ou não chegar - seja da guerra, ou de um endereço qualquer. Ao lamentar que seja um episódio tão comum, o autor oferece algumas soluções:

I) Devia haver um santo especial para proteger a mulher esperando o homem, devia haver uma oração forte para ela rezar, ela está desamparada no centro de um mundo vazio.

II) Devia haver um número de telefone especial para a mulher que está esperando o homem chamar, reclamar providências, ouvir promessas, insistir, tocar outra vez, xingar, bater com o fone. Devia haver funcionários especiais, capazes de abastecer essa mulher de esperança de quinze em quinze minutos, jurar que todas as providências já foram tomadas, “estamos seguros de que dentro de poucos minutos teremos alguma coisa a dizer à senhora...” (Braga, 2009, p. 71-74).

A ironia, nesse caso, é apresentada de maneira sutil e com características do tom ingênuo, e pode facilmente passar despercebida, pois a opinião do autor (de que as mulheres viveriam mais aliviadas se não esperassem) é apresentada implicitamente, o que pode resultar na interpretação de as alternativas de “um santo especial”, “um número de telefone especial” e “funcionários especiais” seriam sinceras. A linguagem implícita explora em seus argumentos o verossímil, o que garante uma perspectiva paralela ao problema, de modo que aumenta o poder argumentativo. A ironia, em função argumentativa, pode se caracterizar como um modelo particular de linguagem implícita, pois ficam escondidas a negação e a contradição, no sentido de que a verossimilhança, bastante citada pelos estudiosos da retórica, torna-se determinante.

Para entender o caráter irônico, é preciso observar que além de tais alternativas não poderem ser concretizadas, elas não são necessárias - a angústia, segundo o autor, seria encerrada com o fim da espera, conclusão que pode ser identificada nas frases “ela está desamparada no centro de um mundo vazio” e “estamos seguros de que dentro de poucos minutos teremos alguma coisa a dizer à senhora...”, que demonstram que, ao final, o que resolveria se resume a um consolo.

Assim como os outros exemplos apresentados, a ironia na crônica em questão é utilizada de maneira estratégica: uma vez que o autor expõe seu posicionamento, vale-se de comentários e sugestões não só para defendê-lo, mas também para desmerecer o que posicionamento contrário (no caso, poderiam tentar alegar que as mulheres necessitam de um apoio especializado).

Seu posicionamento é ressaltado no final do texto com outra frase irônica: “porque a mulher que está esperando o homem recebe sempre a visita do Diabo, e conversa com ele. Pode não concordar com o que ele diz, mas conversa com ele.”, que sugere a semelhança entre a espera e uma “visita do Diabo”, isto é, sugere que o cenário dessa espera não é positivo. É interessante perceber que seu posicionamento poderia aparentar ser insensível caso o demonstrasse de modo formal, mas dessa forma, consegue se provar coerente.

A espera, no entanto, é vista por outra perspectiva na crônica “Receita para mal de amor”. Na circunstância, o autor escreve o texto em formato de carta aberta para uma amiga que sofria por um amor perdido, e recomenda uma receita para deixar de sofrer:

Então lhe aconselho a comprar um canivete bem amolado e afinar dezoito pedacinhos de pau até ficarem bem pontudos, bem lisos, perfeitamente torneados - e depois, deixá-los a um canto. Apanhar uma folha de papel tamanho ofício e enchê-la toda, todinha, de alto a baixo, com o nome de seu amado, escrevendo uma letra bem bonita, de preferência com tinta azul. Em seguida faça com essa folha um aviãozinho, e jogue pela janela. Observe o voo e a aterrissagem. Depois desça, vá lá fora, apanhe o avião de papel, desdobre a folha novamente (pode passá-la a ferro, para o serviço ficar mais perfeito e não haver mais nenhum indício da construção aeronáutica) e volte a dobrá-la, desta vez ao meio. Dobre outras vezes, até obter o menor retângulo possível. Então, com o canivete, vá cortando toda a folha em minúsculos papezinhos [...]. Aí, apanhe todos aqueles pauzinhos que tinha deixado a um canto e, com os pedacinhos de papel, faça uma fogueira com o máximo cuidado até que restem somente cinzas (Braga, 2014, p. 86-88).

A indicação, ainda que aparente ser suspeita em um primeiro momento, possui elementos que contribuem com sua caracterização de verossímil. As especificações como o tamanho da folha, a preferência pela tinta azul, e cuidado com o ferro para que resulte em um “serviço perfeito” representam certa aplicação ao desenvolvimento da receita, mas, na verdade, é o disfarce do autor por meio do tom ingênuo que afasta possíveis desconfianças.

É também preciso considerar que, antes de sugerir o pequeno manual de como superar a dor, Rubem Braga relata com seriedade suas próprias experiências, mostrando-se compreensivo e sincero. Essa impressão passada, aliada aos elementos citados anteriormente, dificultam a identificação da ironia. Apenas no final da crônica, quando prevê que a amiga perguntará sobre a eficácia da receita, que ocorre a revelação:

Por favor, querida amiga, não me faça esta pergunta. Nada adianta coisa alguma, a não ser o tempo: e fazer fogueirinhas é um meio tão bom quanto qualquer outro de passar o tempo (Braga, 2014, p. 88).

O percurso irônico traçado por Rubem Braga nesse texto é articulado na conversão entre discursos contraditórios. Por um momento, a argumentação aparenta estar instável: há o discurso de amigo compreensivo, a receita que, até certo momento, era razoável, e a conclusão

que se opõe ao objetivo inicial da crônica (receitar). De fato, o raciocínio proposto ao longo da crônica se vale de diferentes sentidos, mas a ironia é intencionalmente o que conclui o ponto de vista. A estratégia utilizada consiste em um aceite pretensioso: o autor se dispõe a aconselhar, pois era a vontade da amiga, mas mostra a ausência de solução por meio da ironia. Se fosse irônico logo no início ou se recusasse a ajudar, poderia causar a impressão de que desconhece a solução, mas que esta existe.

O ponto de vista do autor, de que “nada adianta coisa alguma, a não ser o tempo”, não aparece no início, como nos exemplos previamente apresentados, o que significa que a argumentação é construída por outro sentido. Sendo admissível que a amiga insistisse por um conselho, que acreditasse em alguma solução, assim ele o fez: apresentou uma solução. Mas a desconfiança que surgiria por consequência, afinal, uma fogueira de papel não é entendida por amenizar dores, faria com que a amiga percebesse que, de fato, o tempo é a única resposta.

Para apresentar essa resposta, a ironia é utilizada, uma vez que a fala “por favor, querida amiga, não me faça esta pergunta” insinua que se trata de uma constatação óbvia (o que, por sua vez, não é compatível com a receita). É possível analisar que essa crônica, bem como todas as outras, não se dirigem a um público específico. No texto em questão, ainda que escrito para uma amiga, pode servir de “conselho” para todos os leitores que passam pela situação ou que já passaram (e concordariam com o posicionamento), de modo que a persuasão é fortalecida.

A ironia é quase sempre ambígua, mas há o dito irônico que não busca, necessariamente, anular determinada perspectiva e construir outra, e sim restaurar uma ideia até então insegura e provar que é o que parece ser. Um exemplo que demonstra que Rubem Braga se utiliza da ironia para comprovar seus pensamentos é a crônica “Um braço de mulher”. O texto ilustra um simples diálogo entre o autor e uma mulher dentro de um avião. A partir da concepção de que, devido aos momentos de turbulência, ele era a única pessoa em quem ela confiava, afirma:

I) Era por estar ali eu, um homem, que aquele avião não ousava cair. Havia certamente piloto e copiloto e vários homens no avião. Mas eu era o homem ao lado, o homem visível, próximo, que ela podia tocar. E era nisso que ela confiava: nesse ser de casimira grossa, de gravata, de bigode, cujo braço acabou se agarrando. Não era o meu braço que apertava, mas um braço de homem, ser de misteriosos atributos de força e proteção.

II) Mas de que vale uma aeromoça? Ela não é muito convincente; é uma funcionária. A senhora evidentemente a considerava uma espécie de cúmplice do avião e da empresa e no fundo (pelo ressentimento com que reagia às suas palavras) responsável por aquele nevoeiro perigoso. A moça em uniforme estava sem dúvida lhe escondendo a verdade e dizendo palavras hipócritas para que ela se deixasse matar sem reagir.

III) A única pessoa de confiança era evidentemente eu: e aquela senhora, que no aeroporto tinha certo ar desdenhoso e solene, disse suas malcriações para a aeromoça e se agarrou

definitivamente a mim. Animei-me então a pôr a minha mão direita sobre sua mão, que me apertava o braço [...]. Era claro que a minha mão a protegia contra tudo e contra todos (Braga, 1998, p. 113-117).

Sobre a exposição da ironia, é certo que, nesse caso, é apresentada de maneira sutil, com características do tom ingênuo. Não existe, necessariamente, maldade da parte do autor em ajudar a mulher que estaria aflita com a situação, na verdade, a ironia aparece implícita e reflete sobre as descrições, um tanto exageradas, sobre si mesmo, fator que torna o texto bem-humorado. Na crônica apresentada, o autor se desclassifica e, em seguida, se reclassifica, entregando ao leitor sua relação com si mesmo, antes da experiência, e sua relação com a passageira. Se o objetivo era criar uma boa imagem, o autor cria utilizando a ironia, pois com ela convence não somente a senhora, mas também seu público.

A afirmação de que ele era o motivo pelo qual “aquele avião não ousava cair” e o retrato de “ser de misteriosos atributos de força e proteção” (em I) e de que sua mão “a protegia contra tudo e contra todos” (em III) podem indicar que o próprio autor considerou inusitada a confiança que essa passageira desconhecida sentia por ele - outro desconhecido, que não poderia tomar nenhuma providência. Ainda na passagem III, a ironia também é constituída com a expressão “é claro” na frase citada, pois retrata como uma óbvia fala que seria falsa.

Ironizar, nesse caso, consiste em tornar presente a ausência de uma imagem, pois o único risco verdadeiro que um autor sem responsabilidade com a verdade corre é acreditar ser indiferente. Se um não se defende de uma ideia que não seja ameaçadora, fica claro no texto que sua presença e moralidade teriam passado despercebidas se não fosse pela passageira aflita. O leitor torna-se cúmplice do ridículo no sentido de que reconhece o exagero na fala irônica, mas aceita que, sem ela, o risível seria trágico. É inegável, assim, que a ironia não se resume em simples trocas de vocabulário, mas faz outra perspectiva ser aceita.

Em II, a pergunta que inicia o trecho (“mas de que vale uma aeromoça?”) faz com que o leitor entenda que as afirmações a seguir não devem ser contempladas como verdadeiras. Referências como o enunciador (o autor, enquanto passageiro - e não comandante ou responsável por qualquer solução), a natureza do tema, e o desacordo que há entre esses elementos e as falas concluem que não são declarações sérias e/ou formais, principalmente pois a aeromoça, caracterizada ironicamente como “cúmplice do avião e da empresa” é a personagem que poderia, verdadeiramente, ajudar.

Com a ideia de que, apesar da boa intenção, ele não poderia fazer nada além de tentar acalmar a passageira, o autor se constrói como apto a ajudar e, no contexto, utiliza a ironia para assegurar que não poderia resolver a situação, a partir de suas declarações. Considerando que é

uma proposta aceitável (ele realmente não poderia fazer nada e não seria responsável caso alguma tragédia acontecesse), seus leitores, possivelmente, não contestariam.

Crônicas com caráter irônico como as apresentadas na análise misturam informações formais e informais, de modo que a argumentação tem o objetivo, quase sempre, de fazer o público reconhecer outra perspectiva ou até outra realidade, de acordo com os interesses do autor.

### **Considerações finais**

A análise das crônicas Rubem Braga, aqui selecionadas, revelou que a figura da ironia é utilizada com certa frequência para defender os posicionamentos do autor, bem como para criticar o posicionamento de terceiros. Sobre o funcionamento do recurso, diferentes construções permitem que o leitor identifique o tom irônico, como as descrições frequentemente exageradas, os pensamentos de caráter cínico e as afirmações repetidas que são capazes de criar um padrão compreendido em sentido negativo por seus leitores que, por fim, serão influenciados a concordar com o autor. Além disso, o tom irônico faz com que as crônicas apresentem uma nova perspectiva aos assuntos discutidos por meio de reflexões.

É também notável o uso da ironia em depreciações. A justificativa é que, se o tema criticado for associado a algo negativo, seu público leitor provavelmente não optaria por apoiá-lo, como explica Minois (2003), uma vez que a ironia expõe as imoralidades para descreditar o que está sendo desprezado. Sobre os tons propostos por Paiva (1961), estão presentes no discurso de Braga especialmente o ingênuo, pois a ironia é sutil. No entanto, em determinados momentos, é possível identificar o tom retórico e o sagrado, como quando faz descrições formais para ridicularizar e critica dizendo que “Deus protege os inocentes”.

Na maioria dos casos, a ironia expõe os dois lados de uma polêmica, mas em outros, também se mostra responsável por comprovar a veracidade de algumas ideias até então duvidosas. Assim, fica claro que, por utilizar o recurso em diferentes contextos, a ironia torna-se um traço peculiar ao estilo do autor e funciona estrategicamente.

### **Referências**

ARRIGUCCI JR., Davi (org). **Os melhores contos**: Rubem Braga. São Paulo: Global, 1998.

BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. São Paulo: Record, 2009.

BRAGA, Rubem. **A traição das elegantes**. São Paulo: Record, 2014.

BRAGA, Rubem. *Um cartão de Paris*. São Paulo: Record, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2015.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

PAIVA, Maria Helena Novais. **Contribuição para uma estilística da ironia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.

PERELMAN, Chaïm; Olbrechts-Tyteca, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos linguísticos e literários**, Maceió, v. 5, n. 6, p. 42-79, 1989.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.